

### Makhaiski: uma vida de críticas e rupturas

Estudar os escritos de Makhaiski é se debruçar sobre algumas dificuldades. Apesar de sua análise original da intelectualidade, trata-se de um autor marginalizado (tanto no meio da sociologia acadêmica, quanto entre os adeptos de uma perspectiva crítica da referida classe social). Estes últimos membros da intelectualidade são genericamente conhecidos como “intelectuais de esquerda”, representantes do bloco progressista<sup>2</sup>. Como resultado disso, o desconhecimento de sua produção teórica não é algo surpreendente. Contudo, há exceções: duas delas são a tradução e organização da coletânea *Marxismo Heterodoxo* (realizada pelo intelectual engajado brasileiro Maurício Tragtenberg no ano de 1981), bem como a recente compilação de textos feita pela editora espanhola *Bardo Ediciones*. Ainda uma coletânea de textos em francês, organizada por Alexandre Skirda, *Le Socialism des Intelectuells*, publicada em 1973, são os textos mais acessíveis de Makhaiski. Estas iniciativas buscam resgatar e contribuir para a divulgação de sua obra, dando a possibilidade de acesso ao conjunto de análises e contribuições deste original pensador revolucionário.

Makhaiski nasceu na província de Kielce, na Polônia submetida à Rússia, em 15 de Dezembro de 1866 e tem sua graduação acadêmica formal em ciências naturais, posteriormente se especializando em medicina (TRAGTENBERG, 1981). Desde cedo se envolve com a luta política, iniciando-se nos movimentos contra o czarismo e em favor do nacionalismo Polonês, para logo atrair-se para o campo na Social-Democracia, num curto período dos primeiros anos da década de 1890, até ser preso e exilado na Sibéria, onde inicia a crítica da Social-democracia (AVRICH, s/d),

---

<sup>1</sup> Militante do Movimento Autogestionário e professor de História no Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos.

<sup>2</sup> Para uma compreensão do significado dos blocos sociais na perspectiva marxista, ver o artigo Blocos Sociais e Luta de Classes, de Nildo Viana, disponível em <http://marxismoautogestionario.blogspot.com.br/2016/03/blocos-sociais-e-luta-de-classes-nildo.html>

publicando suas primeiras obras *A evolução da Social-Democracia* e *O Trabalhador Intelectual*.

No começo do século XX, consegue fugir do exílio administrativo na cidade siberiana de Kolyma (TRAGTENBERG, Idem). Permanece em Genebra entre os anos de 1903 e 1905, retornando à Rússia com os acontecimentos da Revolução de Fevereiro de 1905, os quais Makhaiski acompanhou de perto. O ciclo da luta de classes que se consolida em torno da Revolução de 1905 e dos anos seguintes é de grande impacto na movimentação política e intelectual de Makhaiski. Ele forma parte do grupo *A Conspiração Operária*, que parece ter tido duração curta, mas que serviu de base para divulgação de suas ideias a ponto de articular o que ficou conhecido como “Makhaievchtchina”, o makhaismo, resultado da influência de Makhaiski no interior das ideias revolucionárias da Rússia do início do século XX.

Após curto período na Rússia, onde ainda reedita parte de sua obra *Trabalhador Intelectual* e uma tradução com anotações da obra *A sagrada família* de Karl Marx e Friedrich Engels, Makhaiski é obrigado a fugir em 1907 devido à repressão czarista, reinstalando-se em 1908 em Genebra, e no período de 1909-1911 reside na cidade de Zakopane, fronteira entre Áustria e Polônia. Desse período até a eclosão da Revolução Russa, Makhaiski permanece exilado na França, trabalhando como funcionário de um banco. Em 1917 retorna para a Rússia participando e refletindo sobre o desenrolar dos acontecimentos, mantendo a postura crítica à emergência do partido Bolchevique ao poder, acontecimento este marcado, na interpretação de Makhaiski, pela constituição de uma nova forma de estado, dirigido pela burocracia e pelos intelectuais russos. Após a interdição de sua revista *Revolução Operária* e da ameaça constante de detenção, Makhaiski parece se retirar da luta política, ocupando o discreto trabalho de revisor técnico da revista oficial *Economia Popular*, vindo a morrer em 19 de Fevereiro de 1926.

O referido momento histórico é marcado por um conjunto de transformações sociais. Somado a isso, a intensa participação política de Makhaiski influenciará de forma decisiva suas análises sobre a *intelligentsia*<sup>3</sup>. Refiro-me aos

---

<sup>3</sup> Por *intelligentsia* consideramos o conjunto dos intelectuais, formado por cientistas, artistas, técnicos, intelectuais que elaboram o pensamento complexo, como forma específica de pensamento na

intelectuais por ele analisados nos textos *Sobre os Intresses de Classe da Intelligentsia*<sup>4</sup>, 1898, *O Socialismo de Estado*, de 1900, *A Ciência Socialista: Nova Religião dos Intelectuais*, de 1905, *A Conspiração Operária*, de 1908 e *A Revolução Operária*, de 1919 (MAKHAISKI, 2017; MAKHAISKI apud TRAGTEMBERG, 1981).

Constata-se que Makhaiski viveu em um período de agitação política e de transformação social e que estas condições sociais são o pano de fundo para o desenvolvimento de suas reflexões, elas próprias voltadas para o estudo da realidade social. Produz seus textos nos momentos de pós-acontecimento, sendo a reflexão crítica uma característica de seu trabalho. Se situarmos historicamente somente os textos aqui analisados, perceberemos que os dois primeiros textos *Sobre os Interesses de Classe da Intelligentsia*”, 1898, e *O Socialismo de Estado* aparecem no período imediato de rupturas dentro das organizações de esquerda, com o agravamento do racha na social-democracia, especialmente na Alemanha e Rússia, com a consolidação da fração Bolchevique, outras dissidências, e a crítica pioneira de Makhaiski a Kautsky e a toda a social-democracia alemã. Em 1905, com *A ciência socialista...* Makhaiski ressurgue com sua tese sobre os interesses de classe da *intelligentsia*, agora refletindo sobre a recente participação social-democrata nos acontecimentos da Revolução de 1905, o que retoma em seu texto *A Conspiração Operária*, de 1908, período pós-revolucionário, marcado por exílios, mas também pela permnência dos grupos de esquerda nas suas variadas correntes, inclusive com a Makhaievchtchina. Dez anos depois, em 1918 reaparece com o texto *A Revolução Operária* em que traça uma crítica geral dos momentos iniciais de implantação da ditadura bolchevique.

---

sociedade capitalista, situação esta gerada pela divisão social do trabalho. Como conceito, a *intelligentsia* foi objeto de inúmeras interpretações, desde meados do século XIX Europeu.

<sup>4</sup> Este texto foi o último a termos acesso. Foi traduzido por nós, e está presente nesta edição da Revista Enfrentamento. A coletânea de textos *Le Socialisme de les Intellectuell* organizada por Alexandre Skirda, além dos textos já traduzidos para o português, é complementada pelos textos *O Marxismo na Rússia*, de 1900, *A Bancarrota do Socialismo do Século XIX*, de 1905 e *A Revolução Burguesa e a Causa Operária*, também de 1905. Ainda entra nesta lista de textos sem tradução, sua primeira obra *A Evolução da Social-Democracia e O Trabalhador Intelectual*, ambas de final da década de 1890 e que só encontramos vestígios em referências dos estudiosos da obra de Makhaiski (TRAGTEMBERG, 1981; AVRICH, s/d).

Por este breve roteiro biográfico e bibliográfico, entende-se que as ideias de Makhaiski foram elaboradas acompanhando o “desenrolar dos acontecimentos”. “Livre pensador”, na época de consolidação dos intelectuais profissionais, médico proibido de exercer suas funções e vivendo periodicamente no exílio, Makhaiski dedicou-se a acompanhar a luta política do proletariado de sua época, tendo inclusive interferido nesta luta participando de organizações políticas revolucionárias, refletindo e divulgando suas ideias.

Logo, suas análises estão intimamente vinculadas com determinadas propostas e o interesse de transformação social. O fio condutor da análise empreendida por Makhaiski passa por aquilo que definiu como sendo o objetivo do movimento operário, ou seja, a destruição de todas as formas de privilégio. Deste modo, ele se insurge contra as propostas de nacionalização e estatização dos meios de produção. Para o autor, junto da socialização dos meios de produção é necessária a socialização dos fundos e dos meios de instrução. Assim, seu interesse está em que:

O proletariado aspirará a apossar-se do poder para tomar os bens da sociedade cultivada dominante, do mundo dos doutos; para arrancar das mãos desta minoria a herança da humanidade. Pois, suprimindo a propriedade familiar hereditária, assim como todos os fundos e meios de instrução, dedicará todos os bens confiscados à organização da instrução, à “socialização dos conhecimentos”. É por meio desta conquista, realizada mediante a “violação despótica por parte do proletariado do direito de propriedade privada”, mediante a manifestação violenta de sua vontade, que o proletariado irá suprimir a lei fundamental do regime de classes, defendido por exércitos numerosos, em nome da qual todos os membros da minoria privilegiada são predestinados, antes mesmo de nascer, para a dominação, enquanto os descendentes da maioria oprimida são condenados à escravidão (MAKHAISKI *apud* TRATEMBERG, 1981, p. 92/3).

Makhaiski entende que o interesse do movimento operário é a libertação do trabalho manual em relação ao trabalho intelectual. Mais adiante retomaremos a questão da distinção entre trabalho manual e intelectual que está na base do seu pensamento. Por sua vez, o objetivo da libertação do trabalho somente seria atingido por meio da:

Derrubada da ordem de servidão existente como única via direta, como única via livre de qualquer compromisso com a legalidade burguesa, é a conspiração clandestina para a transformação das greves operárias frequentes e violentas em uma insurreição, em uma revolução operária mundial ((MAKHAISKI *apud* TRATEMBERG, 1981, p. 100)

Sobre esta estratégia insurrecionalista de Makhaiski, Paul Avrich a resume da seguinte forma:

A solução de Machajski pressupunha um papel fundamental para uma organização secreta de revolucionários chamada Raboch Zagovor (A Conspiração dos Trabalhadores), similar à “sociedade secreta” de conspiradores revolucionários preconizada por Bakunin. Presumidamente, o próprio Machajski seria o líder desta. A missão da “Conspiração dos trabalhadores” seria estimular os trabalhadores a realizarem ações diretas, greves, manifestações e atividades do tipo contra os capitalistas com o objetivo imediato de obter melhorias econômicas e trabalho para os desempregados. A “ação direta” dos trabalhadores deveria culminar em uma greve geral que, por sua vez, levaria à ebulição de um levante internacional, inaugurando uma nova era marcada pela igualdade de renda e oportunidades educacionais. No fim, as perniciosas distinções entre trabalho manual e mental seriam obliteradas, junto com todas as divisões de classe (s/d).

A questão é que a análise sobre a *intelligentsia* que será exposta possui uma perspectiva, um ponto de vista que o autor já deixa bem claro ao se perguntar: “Isto significa que haveria outros parasitas além do punhado de proprietários dos meios de produção?” ((MAKHAIKI *apud* TRATEMBERG, 1981, p. 111). A seção seguinte buscará responder a esta pergunta.

### **Intelectualidade e burguesia contra o proletariado**

Conforme mencionado, o ponto de partida da análise de Makhaiski é a correlação de forças entre as classes sociais em luta, ou seja, a dinâmica concreta da luta de classes. Sua busca girava em torno da compreensão das relações de classe a partir de seu desenvolvimento histórico e concreto. Desse modo, o interesse de nosso autor é baseado nas formas sociais reais, nos conflitos entre classes antagônicas, cuja dinâmica aponta para distintos projetos de sociedade.

É nesse sentido que podemos compreender as contribuições de Makhaiski para a análise da intelectualidade, ao analisar as relações entre o proletariado, a burguesia e a *intelligentsia* russa, complementando sua análise com referências à realidade europeia mais ampla.

Partindo dos pressupostos analíticos acima apontados, a conclusão é o reconhecimento da *intelligentsia* como uma classe social. A confirmação histórica de sua tese é perceptível em decorrência dos desdobramentos históricos da ação de seus membros. A essa constatação soma-se a hipótese levantada por Makhaiski, segundo a qual a fonte do poder são as relações entre as classes: “o poder retorna ao conjunto dos possuidores; não pode ser separado muito tempo da fonte de todo poder: acumulação de riquezas” ((MAKHAIKI *apud* TRATEMBERG, 1981,p. 146),

perspectiva sobre o poder que se baseia nas relações sociais entre as classes. E mesmo em sua reflexão sobre a diferença entre a revolução burguesa e a revolução proletária (p. Idem, 146/147).

Apesar de enfatizar as relações entre as classes, Makhaiski deixou poucas passagens dedicadas a este conceito, numa definição clara sobre o que é uma classe social, bem como em relação às diferenças específicas de cada classe. O que podemos apreender de sua concepção de classe social está em sua análise sobre a intelectualidade. Feita a revisão de sua obra publicada em português, depreende-se que na sua concepção de classe social, Makhaiski ordena elementos da divisão social do trabalho (divisão manual e intelectual), renda e nível de vida, interesses e ideologia. Ao destacar estes elementos, que se diferenciam na *intelligentsia* observada historicamente em sua evolução própria, Makhaiski define o conjunto de indivíduos que lhe fazem parte como membros de outra classe social privilegiada, e daí faz o seu combate àqueles que se dizem socialistas (que ele define como marxistas ortodoxos, comunistas ou social-democratas) e não percebem os interesses de classe da “sociedade cultivada, do exército de trabalhadores intelectuais” (Idem, p. 96). Sendo assim, existe uma outra classe social privilegiada, a *intelligentsia*, e não apenas uma única classe social privilegiada, a capitalista. Apesar de privilegiada, Makhaiski compreende que a intelectualidade está subordinada à burguesia. Aí reside um dos aspectos fundamentais de seu interesse de classe: a “democratização” do Estado como forma de ampliar sua participação na organização da sociedade, juntamente com outro interesse de classe manifesto que diz respeito à busca pela ampliação de sua parcela na distribuição da riqueza nacional. Parte da intelectualidade, os “socialistas de estado” (social-democracia e bolcheviques) já querem o fim dos capitalistas privados e a constituição da “propriedade social” sob seu controle.

A reflexão de Makhaiski inicia-se com a distinção entre trabalhadores manuais e trabalhadores intelectuais. Esta é a divisão fundamental que o autor reconhece dentro da divisão social do trabalho. Esta divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual resulta na divisão entre os que possuem propriedade, a classe dos possuidores dos meios de produção, e os que não possuem propriedades, os

despossuídos, os não-possuidores. A base econômica dos regimes de classe é o direito à propriedade em todas as suas formas, incluindo as “propriedades hereditárias especiais” (MAKHAISKI, 2017), conjunto dos conhecimentos humanos e que são monopolizados pelos possuidores e trabalhadores intelectuais.

Desta distinção inicial ele destaca que tanto o operariado quanto a intelectualidade necessitam vender sua força de trabalho determinada pela divisão social do trabalho, quer seja a um patrão privado ou ao estado capitalista, para poderem sobreviver. Mas a diferença fundamental é que se o trabalhador manual vende sua força de trabalho natural, ou seja, seu próprio corpo e as energias contidas nele, a intelectualidade se apropria do conhecimento produzido pela classe trabalhadora, só dispondo de tempo e de conhecimentos porque outros tiveram de trabalhar em seu lugar, enquanto os intelectuais se preparavam nas salas de aulas, em pesquisas, em viagens ao exterior para comprovar suas práticas, etc.

Segundo Makhaiski, a intelectualidade está subordinada à classe capitalista, embora acima do trabalho manual, posto que o trabalho intelectual é o que tem *status* e melhor posição na divisão do trabalho, é o trabalho de controle, de direção exercido pela *intelligentsia*. O intelectual vende para os capitalistas um conhecimento que só foi possível de existir graças à produção dos operários e a aplicação deste conhecimento aumentará a exploração dos trabalhadores. Como bem sintetiza nosso autor: o intelectual “vende aos capitalistas sua habilidade para extrair o melhor possível o suor e o sangue dos operários. Ele vende o diploma que adquiriu graças a essa exploração” ((MAKHAISKI *apud* TRATEMBERG, 1981, p. 110).

Dessa situação privilegiada no mercado de trabalho, a intelectualidade desfruta, segundo Makhaiski, de uma posição dominante na sociedade capitalista. Para Makhaiski, enquanto os trabalhadores manuais lutam com seus salários, o “intelectual vive como os amos e faz dos seus filhos os ‘senhores’” ao transmitir “o privilégio de seu trabalho leve, decente e benéfico, à sua descendência” (Idem, p. 111).

Para Makhaiski, a *intelligentsia* se diferencia dos trabalhadores manuais por se apropriar dos conhecimentos acumulados pela sociedade, isto enquanto se exime do trabalho manual exercendo atividades ligadas ao seu conhecimento

particular. Ao se apropriar de uma parte do produto líquido nacional, a parte dedicada à reprodução da organização da produção capitalista, a intelectualidade passa a ter um nível de vida próximo ao da burguesia, distanciando-se dessa forma, tanto no que diz respeito da sua posição no mercado de trabalho, quanto sua condição de vida, e por ter seus objetivos próprios, aumentar sua participação no produto líquido nacional. Makhaiski explica a origem dos rendimentos da intelectualidade com base na metáfora dos bolsos direito e esquerdo: no bolso esquerdo o patrão guarda a parte do mais-valor que lhe cabe, para reinvestir na produção; já no bolso direito guarda os dividendos que o patrão necessita repartir com os ajudantes da organização da produção:

Em consequência, há um papel no bolso direito do patrão que indica que ele toma – enquanto organizador do negócio – todo o lucro, que ele partilhará com seus ajudantes. É aqui que se encontram as finanças consagradas à remuneração da organização – para o patrão e toda a santa confraria – necessária para a produção contemporânea. No bolso esquerdo encontra-se outro papel que precisa que, quando tiver lugar a partilha, o patrão deverá obter uma mais-valia, enquanto dividendos de seu capital (Idem, p. 112).

Essa concepção de *intelligentsia* é a exposta por Makhaiski: a intelectualidade possui a função de organização, reprodução e desenvolvimento das relações de produção capitalistas, ou “regime burguês de exploração”, nas suas palavras.

Na continuidade da análise da intelectualidade, ele questiona as concepções que, segundo ele, são limitadas, posto que focalizam a eliminação da propriedade privada dos bens materiais, a forma capitalista de dominação, não compreendendo que a manutenção do Estado, mesmo na sua forma democrática, é a continuidade da dominação secular por outras classes sociais parasitárias. Diz Makhaiski que a socialização dos meios de produção não conduz ao fim do “regime secular de pilhagem”, pois “a mais-valia nacional criada por eles [operários] não desaparece, mas passa pelas mãos do Estado democrático, como fundo de manutenção para a existência parasitária de todos os extorsionários, de toda a sociedade burguesa” (Idem, p. 97). Estes extorquidores parasitas a quem Makhaiski se refere é a intelectualidade russa, classe social que tem seu interesse diretamente vinculado com a continuidade da exploração, quer seja sob o regime capitalista, com sua constante auto-expansão e necessidade de mais cargos técnicos e de

especialistas, quer seja nos projetos da Social-Democracia ou bolchevique, que almeja transferir para o Estado, ou seja, para seu próprio controle, toda a riqueza nacional, dissimulação que ocorre por meio da ideologia da “socialização dos meios de produção” (MAKHAISKI, 2017).

Makhaiski tem em mente que a questão fundamental não se encontra na distinção entre as formas de propriedade, mas na própria existência dos que são detentores dos meios de produção e dos que estão desprovidos dos meios de produção. Além disso, para ele os meios de produção não são somente os meios materiais de produção, a terra, as fábricas: o saber é um meio de produção. Tal como ressaltou o historiador Alain Besançon, para Makhaiski, “*el saber era un medio de producción y que, en consecuencia, la intelligentsia era una clase explotadora*” (BESANÇON *apud* FERNANDEZ, 2010, p. 14).

Como adiantamos anteriormente, Makhaiski percebe que a forma de sobrevivência da intelectualidade é vendendo os seus conhecimentos para o mercado de trabalho. Diferentemente do trabalhador, que vende sua força de trabalho naturalmente contida em seu corpo, a intelectualidade vende algo que ela adquiriu de outros, posto que o conhecimento é produzido socialmente, e ainda mais, sobre a exploração da classe operária. Isto significa que enquanto o trabalhador está na fábrica, o intelectual deita-se sobre os livros, viaja ao exterior para realizar atividades, etc. Desse modo, são os trabalhadores manuais que produzem os meios para a capacitação dos trabalhadores intelectuais: sem a exploração da classe não-possuidora inexistem as condições de possibilidade necessárias para a existência da *intelligentsia*.

As condições de vida também diferenciam os intelectuais dos trabalhadores, ou do que executa o trabalho complexo e do que executa o trabalho manual, isto porque o trabalhador somente recebe pela sua produção, na forma de seu salário, enquanto que os intelectuais desfrutando de uma posição estratégica para a organização da produção capitalista recebem uma parte do lucro nacional, valor acumulado sobre a exploração dos trabalhadores.

A *intelligentsia* (ou intelectualidade, que Makhaiski utiliza como sinônimo) seria então uma classe social com interesses próprios. Para Makhaiski, o socialismo

científico surge, então, como a ideologia da intelectualidade russa, ideologia esta com interesses específicos, mas que estão relacionados com a expansão do regime burguês de exploração (MAKHAISKI, 2017). Para Makhaiski, essa relação é clara quando os socialistas científicos (principalmente a corrente bolchevique) pretendem basear seus objetivos políticos em afirmações da ciência social, ou seja, tornar o socialismo uma ciência objetiva. Segundo Makhaiski, a ciência social não pode jamais servir aos propósitos de derrubada do “regime secular de servidão” posto que busca analisar imparcialmente o desenvolvimento histórico.

É nesse sentido que Makhaiski analisa a interpretação ideológica sobre o desenvolvimento histórico feita pela intelectualidade em posse do socialismo científico, que serviria tão-somente para realizar as etapas necessárias para consolidação do capitalismo na Rússia:

A crença no capitalismo, enquanto premissa indispensável para o socialismo, converte-se finalmente no equivalente a um alto grau de amor ao progresso burguês, ao desenvolvimento da dominação total da burguesia, à pilhagem burguesa total. Uns crentes, os verdadeiros socialistas proletários, permeados de religião marxista, chegam a ser os melhores combatentes do progressismo burguês, os apóstolos mais calorosos e os participantes empolgados da revolução burguesa ((MAKHAISKI apud TRATEMBERG, 1981, p. 98/99).

Em suma, a discussão de Makhaiski acerca da *intelligentsia* envolve os elementos para a caracterização desse conjunto de indivíduos como uma classe social, detentora do conhecimento como um meio de produção e que, portanto, tem interesses na conservação da organização social capitalista, para tanto disponibilizando de uma ideologia própria, o socialismo científico. A concepção de classe social para Makhaiski é definida em termos da divisão social do trabalho (divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual), posse ou não-posse dos meios de produção (sendo o conhecimento um meio de produção), renda e nível de vida e, por fim, interesses e ideologia particularistas, o que no caso da *intelligentsia*, analisada por Makhaiski, significa o interesse de maior participação na renda nacional e a ideologia do “socialismo científico”.

Ao enfatizar as relações concretas entre as classes sociais, Makhaiski entende o saber não como uma abstração, um fenômeno metafísico, descartando assim toda e qualquer forma de concepção de saber que isola as ideias da realidade social a qual ela se insere; ainda mais, aqueles que se apropriam do saber produzido

socialmente estão em determinadas relações sociais que os vinculam diretamente com a ordem social estabelecida, com a reprodução dessa ordem; dito isto, percebemos que décadas antes da “denúncia original” de Foucault de que o poder, o saber são instrumentos das diversas formas de poder, Makhaiski já tinha essa compreensão (FERNÁNDEZ *apud* MAKHAISKI, 2010), abordando o tema de forma original e com profundidade analítica. Estamos tratando de um autor que dá profundidade e embasamento à conhecida afirmação de que conhecimento é poder.

Para Makhaiski, a busca das liberdades democráticas pela intelectualidade tem como objetivo ampliar a sua participação dentro da renda nacional ou na versão “socialista de estado”, a socialização dos meios de produção com a implantação da propriedade social. Makhaiski mira em sua crítica as teses da social-democracia russa, que defendia a necessidade da revolução burguesa como justificativa para amadurecer as condições objetivas para a revolução dos trabalhadores em busca do poder político. Diz Makhaiski:

Eis por que a *intelligentsia* democrática espera com impaciência, mais que os próprios burgueses, o progresso ulterior da sociedade burguesa, em geral, e das democratizações esperadas por ela, em particular. Eis por que esta *intelligentsia* democrática explica às massas que se insurgem, que sua emancipação não virá da luta econômica, do ataque à bolsa de seus amos, mas unicamente da luta política, quer dizer, da luta por um regime tal que esta bolsa possa crescer de uma maneira melhor do que anteriormente e, sobretudo, se entreabrir mais em seguida para a comunidade dos doutos. Eis por que a *intelligentsia* considera a democratização da sociedade, isto é, sua própria penetração em todos os poros do Estado burguês, como a garantia suficiente de que a socialização constituirá já a entrada em um verdadeiro paraíso e não em uma nova prisão, muito mais hermética que a precedente. Pois sim! A transmissão de todos os meios de produção para as mãos da *intelligentsia*, que detém já o governo social, constituirá para ela um verdadeiro paraíso. A socialização dos meios de produção, em uma democracia, nada pode prometer aos trabalhadores além do reforço da organização do poder que os domina, e do fortalecimento do Estado” ((MAKHAISKI *apud* TRATEMBERG, 1981, p. 118, *itálicos no original*).

Esta afirmação feita no distante ano de 1908 é reafirmada por Makhaiski dez anos depois com os acontecimentos de 1917 na Rússia: “O lucro obtido pelo patrão deverá pertencer, segundo seus cálculos, ao Estado, e não aos operários, isto é, servirá à manutenção dos funcionários do Estado privilegiados e de todos os dirigentes e ‘educadores da classe operária’” (Idem, 168).

O seu rápido rompimento com a Social-Democracia e a posterior continuidade de sua crítica contra esta concepção política antecipam os rachas e as

contestações à Social-Democracia ao longo do século XX. Makhaiski organiza o seu pensamento de modo a tentar compreender a inserção social da intelectualidade no interior das relações sociais capitalistas, enfatizando a realidade particular da Rússia. As conclusões a que ele chega definem a intelectualidade, a *intelligentsia* como uma classe social com interesses específicos na exploração capitalista.

O autor avança ao perceber as transformações nas relações sociais da Rússia de começos do século XX, transformações que expressam o declínio da sociedade feudal e a emergência das relações de produção capitalistas. Com a transformação do modo de produção temos a emergência de novas classes sociais: no caso russo, a emergência do capitalismo foi a condição necessária para o aparecimento e consolidação da intelectualidade, bem como das suas posições de classe no cenário da luta política. O que Makhaiski apontou que estava acontecendo a partir da tentativa de tomada da direção do estado capitalista através do desenvolvimento da democratização do regime burguês, tal como defendida pela *intelligentsia* de sua época.

### **Esclarecimentos**

Parte importante da obra de Makhaiski não foi traduzida. Poucos textos e ideias não desenvolvidas deixam margem para interpretações equivocadas de seu pensamento. Ainda que em condições adversas, partir da totalidade de sua perspectiva é o método correto para esclarecer as confusões, evitar interpretações equivocadas e avançar através da perspectiva esboçada e expressa por Makhaiski, a perspectiva do proletariado.

Uma confusão nítida em sua obra é que Makhaiski busca se expressar em termos marxistas. Porém, na crítica da Economia Política ele não consegue acompanhar e expressar corretamente os conceitos marxistas. Muito embora pretenda mesmo fazer a crítica total do “socialismo marxista”, nossa análise leva à conclusão de que o autor demonstra não conhecer toda a complexidade da teoria do capitalismo elaborada por Marx. Ademais, chega mesmo enganar-se em relação ao significado de determinados conceitos e categorias elaboradas pelo fundador do marxismo.

Exemplar dos equívocos presentes, está em que Makhaiski compreende o marxismo com ideias próximas ao que se convencionou chamar teoria do subconsumo, ideologia muito divulgada entre estudiosos da economia naquele período, e que esteve presente em outros marxistas, como Rosa Luxemburg, e grande aceitação em algumas escolas econômicas.

A teoria do subconsumo diz que a elevação da capacidade produtiva do capitalismo é acompanhada pela diminuição de capacidade de consumo das massas trabalhadoras, devido sua menor participação na renda nacional, e a consequente elevação da poupança nas mãos dos capitalistas, consistindo uma permanente barreira ao desenvolvimento capitalista. Para Makhaiski, o marxismo analisa que a riqueza nacional se expressa no crescimento das forças produtivas de um país, sem vínculos com o consumo geral, pois o “desenvolvimento ilimitado das forças produtivas” é a aspiração específica do capitalismo. Makhaiski credita ao que ele chama de “socialismo científico” a explicação da “contradição gritante” que existe no capitalismo, a contradição original entre a produção nacional e o consumo nacional ((MAKHAISKI *apud* TRATEMBERG, 1981, p. 84/85,). É evidente a influência da teoria do subconsumo em Makhaiski, teoria não-marxista para explicar as crises, tendo em vista que desvia a ênfase do valor para a renda, consumo, repartição. Para Marx, as constantes crises capitalistas advém do crescimento da composição orgânica do capital, resultado da menor quantidade de trabalho vivo movimentada por uma maior quantidade de trabalho morto (máquinas, instalações, etc.) (MARX, 1986). Este processo é obstáculo à valorização do capital, acrescido que este processo de valorização do capital é ele próprio um movimento da luta de classes. Ter Rodbertus como exemplar do “socialismo científico” demonstra as fontes de leituras de Makhaiski, fontes que o levaram inevitavelmente ao erro de confundir o marxismo autêntico pela social-democracia, o que evidencia a força das ideias, pois se mostra até mesmo capaz de impedir o avanço teórico de pensadores radicais, pois no momento de vida de Makhaiski o pensamento reformista social-democrata havia se consolidado como força política.

Outro ponto de confusão em Makhaiski é confundir intelectualidade e burocracia. Ao fazer uma identificação ampla de intelectualidade, Makhaiski não

consegue deixar claro as diferenças entre ambas as classes, sendo a primeira responsável pela produção de ideias, e a segunda pelo controle e direção (VIANA, s/d). Seu conceito amplo de intelectualidade tem origem em sua divisão absoluta entre trabalho manual e trabalho intelectual, secundarizando as subdivisões dentro da divisão do trabalho. Também contribui para sua confusão entre intelectualidade e burocracia sua compreensão de que o conhecimento é um meio de produção, o que leva alguns a concluir que a intelectualidade é uma classe exploradora e dominante.

Se a intelectualidade é detentora dos meios de produção então pode ser a classe dominante, conclusão a que chega Max Nomad. Seguindo este raciocínio, Max Nomad foi o primeiro a afirmar que na União Soviética havia uma nova formação social baseada na ditadura dos intelectuais como classe dominante. Gonzales Rojo radicalizou ainda mais essa perspectiva e cunhou o termo Modo de Produção Intelectual.

Desfazer essa confusão no pensamento de Makhaiski é combater as perspectivas que autonomizam a intelectualidade do conjunto da sociedade. As conclusões de Max Nomad foram combatidas por Mattick, que demonstrou a pouca autonomia dos intelectuais dentro do capitalismo e que nas condições da Rússia, a intelectualidade se transformou em burocracia e assumiu as funções do capitalista sob novas condições de extração de mais-valor, nas condições do capitalismo de Estado (MATTICK, 1973).

Já o mexicano Enrique Gonzales Rojo em seu estudo sobre a revolução cultural chinesa vai dizer que as revoluções culturais são revoluções levadas contra os expropriadores culturais dos trabalhadores. Ele vai definir a burocracia como uma fração da intelectualidade, e não como classes distintas como estamos apresentando. Gonzales Rojo diz que quando o partido político não está envolvido na destruição-criação, somente na destruição, as revoluções ficam inacabadas, tendo na aliança proletários-intelectuais o predomínio dos segundos. Daí que as revoluções russa e chinesa resultaram em novas sociedades pós-capitalistas com um modo de produção intelectual, caracterizado pela estatização dos meios materiais de produção, domínio ditatorial sobre a classe trabalhadora e elevação dos postos

burocráticos e técnicos à posição de comando. Há nesses países a apropriação pela intelectualidade dos meios intelectuais de produção, surgindo assim uma nova luta de classes: *“La oposición trabajo mental/trabajo físico no es una contradicción más, sino que es, como la contradicción principal, una contradicción de clase”* (ROJO, s/d, p. 47).

O conhecimento não é um meio material de produção, e sim um meio imaterial de produção, e também não produz mais-valor, por isso a intelectualidade é uma classe assalariada improdutiva e que é especializada na produção de ideias (VIANA, s/d). A produção de ideias não se dá por um meio material de produção convencional, e sim por meio imaterial. O conhecimento é uma força produtiva que pertence à força de trabalho individual, não é sinônimo de classe trabalhadora e sim das capacidades físicas e mentais que um indivíduo possui para realizar a produção (MARX, 1996; VIANA, s/d). O conhecimento como força produtiva é inseparável do seu possuidor, e a não ser pelos seus resultados, é sempre posto em movimento pelo seu possuidor, por uma força de trabalho, daí que a intelectualidade, enquanto força de trabalho está na mesma condição que o proletariado, na posição de vendedor de força de trabalho. Porém, no caso do proletariado trata-se da produção de bens materiais acrescidos de mais-valor, ao passo que a intelectualidade pode tão somente produzir ideias, em qualquer forma que assuma, seja ela filosófica, científica, religiosa, artística. E para produzir suas ideias a intelectualidade absorve parte da renda que está no Estado ou em organizações privadas (financiadas por grandes capitalistas). A intelectualidade produz uma força imaterial, seu trabalho é improdutivo, produz ideias e não mais-valor, por isto ela está em uma relação “não real com a economia social”, como diria Paul Mattick (MATTICK, 1973, p. 98).

Não acreditamos na possibilidade da intelectualidade como classe dominante, porque uma classe dominante tem de ser uma classe exploradora nas relações de produção, o que de fato a intelectualidade não é, posto que esta classe se caracteriza por produzir ideias (uma relação não real com a produção, trabalho improdutivo) e não bens materiais, que na sociedade capitalista são acrescidos de um mais-valor, apesar destes serem um dos resultados possíveis, bem como crenças, obediência, mobilização, ideologias, técnicas, organização, etc.

O correto significado de conceito de intelectualidade na perspectiva marxista diz respeito a uma classe social que na divisão do trabalho produz ideias (VIANA, s/d); por sua vez, a burocracia é a classe social responsável pela direção e controle, através de mecanismos que garantam a exploração por meio da dominação. A burocracia também representa uma relação social (baseada na hierarquia) e que se expande para toda a sociedade, para as relações sociais mais amplas. São classes diferentes que estão em relações sociais diferentes, hoje mais claro que na época de Makhaiski, mas que em comum dominam o proletariado, conclusão a que Makhaiski provavelmente teria chegado se estivesse sobrevivido mais alguns anos e observar a consolidação da burocracia como classe executora das funções capitalistas sob o capitalismo de Estado soviético.

### **Considerações finais**

Makhaiski foi um pensador precoce, ao desenvolver cedo uma análise sobre a intelectualidade, bem como foi original, ao se apropriar de elementos do marxismo, a ênfase nas relações de classe, e da crítica de Bakunin, sobretudo no que diz respeito à autoridade e ao Estado, sustentando pioneiramente uma análise própria, produto de sua crítica da intelectualidade. Nesse processo foi um dos primeiros a romper com a social-democracia, ainda na virada do século XIX para o XX, como vimos em seus textos *Sobre os Interesses de Classe da Intelligentsia* e *Socialismo de Estado*.

Apesar do pioneirismo e da originalidade, Makhaiski é um pensador esquecido. Os motivos são muitos: desde o mal-estar que pode ser facilmente provocado por suas concepções no interior da intelectualidade; a radicalidade de seus posicionamentos, críticos tanto contra o marxismo partidário quanto ao anarquismo positivista; e até mesmo o pouco desenvolvimento da sociologia acadêmica, sobretudo no Brasil, ainda mais considerando o estudo sobre a intelectualidade. Porém, é prejudicial para os pensadores revolucionários o desconhecimento deste intelectual engajado que avançou e aprofundou o estudo da questão que explica a existência da intelectualidade como classe social. O marxismo autêntico é, por isso, crítico radical das organizações burocráticas.

Na esteira de seus estudos sobre a intelectualidade ainda existe campo de reflexão sobre as lutas em torno da contra-revolução, bem como novas interpretações sobre a sociedade russa de inícios do século XX, mas também numa caracterização da sociedade soviética nos primeiros anos, também estudos de outros temas, como a crítica da ciência. As possibilidades de apropriação dos estudos de Makhaiski são muitas.

Necessário destacar que para Makhaiski, a direção da intelectualidade nos acontecimentos históricos na Rússia de início do século XX foi antes de tudo uma outra ofensiva da sociedade burguesa, se apropriando das lutas das classes trabalhadoras, o que demonstra que para Makhaiski a autonomia do proletariado é um importante elemento na realização das práticas políticas das classes sociais.

A atuação de Makhaiski o levou a perceber, explicar e nomear a contra-revolução intelectual, embora, posteriormente esta tenha se encaminhado para uma contra-revolução burocrática que gerou o Capitalismo de Estado.

Em outro aspecto, sua denúncia da social-democracia, com a crítica da nacionalização dos meios de produção e controle pela intelectualidade, antecipa o debate que se abrirá com Keynesianismo e o chamado Estado de “Bem-Estar” social.

Desta forma, chegamos à conclusão de que Makhaiski tinha interesses e perspectiva proletária, bem como dominava aspectos da metodologia do materialismo histórico (baseada nas relações sociais entre as classes), porém careceu de solidez teórica e conceitual, sobretudo em relação à dinâmica mais geral da sociedade (teoria da sociedade, do capitalismo, etc.). O mérito de sua obra é denunciar a luta da intelectualidade para chegar ao poder e qual o seu projeto de sociedade, o Socialismo de Estado, projeto que na realidade concreta se tornou um Capitalismo de Estado dirigido pela burocracia, consequência das transformações na Rússia de início do século XX.

## REFERÊNCIAS

AVRICH, Paul. *O que é o Makhaevismo?* Disponível em <http://passapalavra.info/2017/04/111586>

FERNÁNDEZ, Luis. *Porque de estos textos vestutos?* (introdução). In *La ciencia socialista: nueva religión de los intelectuales*. Espanha: Bardo Ediciones, 2010.

MAKHAISKI, J. V. *La Ciencia socialista, nueva religión de los intelectuales*. Espanha: Bardo Ediciones, 2010.

MAKHAISKI, Jan.Waclav. Sobre os interesses de classe da intelligentsia. In Revista Enfrentamento nº 22, Jul/Dez de 2017.

MARX, Karl. *Lei de queda da taxa de lucro*. In O Capital. Livro III, Volume IV. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

MARX, Karl. *Compra e venda da força de trabalho*. In O Capital. Livro I. São Paulo, Nova Cultural, 1996.

MATICK, Paul. *Rebeldes y renegados: la función de los intelectuales y la crisis del movimiento obrero*. Barcelona: Icaria, 1973.

ROJO, Enrique. *Génesis y estructura de la revolución cultural*. S/d.

TRAGTENBERG, Maurício. *Marxismo heterodoxo*. Brasiliense: São Paulo, 1981.

VIANA, Nildo. *A teoria das classes sociais em Karl Marx*. S/d.